



AS INTERFACES ENTRE LINGUAGEM E EMOÇÃO: O CASO DAS EMOÇÕES MISTAS

THE INTERFACES BETWEEN LANGUAGE AND EMOTION:
THE CASE OF MIXED EMOTIONS

Thuany Teixeira de Figueiredo¹
Universidade Estadual de Campinas

Leonardo Gomes Bernardino²
Universidade Federal de Uberlândia

Resumo: O presente trabalho aborda as emoções mistas e sua relação com a linguagem. O objetivo principal é analisar as características de trabalhos realizados sobre o fenômeno e as questões linguísticas relacionadas a ele. Uma emoção mista é um estado emocional que compreende duas emoções diferentes, como se sentir feliz e triste ao mesmo tempo. A perspectiva teórica adotada baseia-se nos trabalhos de Damásio (2018), de Waal (2021), Foolen (2016), Larsen *et al.* (2001) e Vaccaro *et al.* (2020). Metodologicamente, realizamos um levantamento bibliográfico acerca das pesquisas sobre emoções mistas nos últimos 30 anos. Os resultados indicam que: há diferentes estímulos e tarefas utilizados nas pesquisas; o intervalo etário mais pesquisado é entre os 4 e 11 anos; a combinação emocional mais investigada é “feliz e triste”; as palavras “feliz” e “triste” são mais frequentes do que *blends* linguísticos.

Palavras-chave: Linguagem; Emoções Mistas; Cognição Social.

Abstract: *This paper addresses the issue of mixed emotions and their relation with language. The main goal is to analyze the characteristics of works carried out on the phenomenon and the linguistic issues related to it. A mixed emotion is an emotional state that comprises two different emotions, such as feeling happy and sad at the same time. The theoretical perspective adopted is based on Damásio (2018), de Waal (2021), Foolen (2016), Larsen et al. (2001) and Vaccaro et al. (2020). Methodologically, we carried out a bibliographic survey on research on mixed emotions in the last 30 years. Findings indicate that: there are*

¹ E-mail: teixeira.thu@gmail.com.

² E-mail: lgbernardino@ufu.br.

different stimuli and tasks used in the field; the most researched age range is between 4 and 11 years old; the most investigated emotional blend is “happy and sad”; the words “happy” and “sad” are more frequent than linguistic blends.

Keywords: *Language; Mixed Emotions; Social Cognition.*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho investiga as interfaces entre linguagem e emoção a partir das chamadas emoções mistas ou *blends* emocionais. Uma emoção mista consistiria em um estado emocional que compreende duas emoções sendo sentidas simultaneamente, por exemplo, se sentir feliz e triste ao mesmo tempo (Larsen *et al.*, 2001). A experiência e a compreensão dessas emoções ainda são pouco estudadas em comparação com o que já se sabe sobre as chamadas emoções básicas – alegria, tristeza, raiva –, sobretudo no que diz respeito à relação entre esses estados mentais e a linguagem.

Frequentemente, segundo Kagan (2007), os indivíduos reportam que experienciam mais de uma emoção em relação a um mesmo evento ou situação. Um exemplo: uma pessoa descobre que a sua mãe idosa morreu, dentro de um contexto de um longo período de tratamento de câncer, e relata sentir tristeza e alívio ao mesmo tempo, ou seja, uma mistura de sentimentos. Em uma situação como esta, o fato parece ser que a linguagem não dá conta de mapear completamente essa dinâmica emocional, pelo menos no que diz respeito à expressão e talvez até à própria dimensão conceitual.

A informação importante a ser destacada com este ponto é que estados emocionais parecem ser experienciados de forma combinada e complexa – enquanto uma combinação (do inglês *blend*) –, o que talvez indique uma possível inadequação da linguagem para lidar com esses estados. Segundo o autor, “*blends are coherent states, and not additive combinations of elementary states*” (Kagan, 2007, p. 9). Sendo assim, deve-se questionar como essas combinações são processadas cognitivamente e como elas são expressas. Essa questão pode

ser bastante instigante para o debate sobre a interface da faculdade da linguagem com os outros sistemas cognitivos.

Em verdade, as emoções mistas parecem mesmo ser típicas na espécie humana. De acordo com o primatólogo Frans de Waal (2021), evolutivamente, é comum observar como os hominídeos – seres humanos e símios – possuem uma comunicação emocional matizada. Em sentido oposto, os macacos, por exemplo, em termos de expressão emocional, não costumam apresentar essa capacidade de misturar e combinar emoções. Os grandes primatas, de modo corriqueiro e desde muito cedo, transitam entre estados de choro e riso continuamente. À vista disso, é possível inclusive apontar críticas aos estudos tradicionais sobre emoções, como aqueles sobre expressões faciais e emoções básicas. Destacamos a passagem a seguir do autor.

As interações sociais estão cheias dessas tendências conflitantes, e as faces dos seres humanos e dos símios revelam todas elas. Eles mostram não apenas um instantâneo de uma emoção ou outra, mas todos os tons sutis entre elas. Estados emocionais independentes são raros, motivo pelo qual é tão problemático pôr as expressões faciais em caixinhas rotuladas como “irritado”, “triste” ou outras emoções básicas. Isso não funciona para nós, nem para nossos companheiros hominídeos. (De Waal, 2021, p. 111)

Desse modo, esse estudo tem como objetivo principal analisar as características dos trabalhos realizados nas últimas décadas acerca das emoções mistas e as questões linguísticas relacionadas a esse fenômeno. Sendo assim, os objetivos específicos são: fornecer dados que contribuam para o avanço da agenda de pesquisa sobre linguagem e emoção; e contribuir para as discussões relacionadas à faculdade da linguagem e as interfaces que ela estabelece na cognição humana.

A principal hipótese que iremos investigar é a de que a compreensão de emoções mistas pelas crianças acontece tardiamente, ou seja, após os 7 anos de

idade, tendo como referência a compreensão do estado mental de crença falsa de segunda ordem (Figueiredo, 2018).

Tendo esse quadro em vista, organizamos o artigo da seguinte forma: na seção 2, descrevemos os objetivos visados; na seção 3, apresentamos nossa hipótese de trabalho e metodologia utilizada; em seguida, na seção 4, realizamos uma breve discussão teórica; os resultados são apresentados na seção 5; e, por fim, na seção 6, realizamos nossas considerações finais.

1 DISCUSSÃO TEÓRICA

As emoções são aspectos da vida mental humana extremamente relevantes para as pesquisas relacionadas à cognição. Da mesma forma, a linguagem também é um dos tópicos mais debatidos quando se trata de investigar as particularidades da cognição humana. Desse modo, é possível perceber como a linguagem figura como um dos tópicos relacionados às pesquisas sobre cognição. Ambos os objetos fornecem caminhos importantes para a exploração e compreensão da vida e do pensamento humanos.

A depender da abordagem teórica, as perspectivas sobre essa relação variam em termos de seus principais aspectos. Porém, fato é que linguagem e cognição se conectam e indicam a existência de importantes interfaces da mente/cérebro humana/o. Tendo isso em vista, é possível supor que linguagem e emoção interagem e também constituem um importante quadro de investigação que oferece instigantes possibilidades de estudo, conforme sintetizado pelo quadro 1 (Foolen, 2016).

Quadro 1: As quatro possibilidades de interação entre linguagem e emoção.

1. Não há conexão direta entre linguagem e emoção;	2. Linguagem e emoção possuem conexão direta;
3. A linguagem possui ligação tanto direta quanto indireta com a emoção;	4. A relação entre linguagem e emoção varia dependendo dos tipos de emoção.

Fonte: elaboração própria, adaptado de Foolen (2016).

De acordo com a primeira possibilidade, temos que a cognição é compreendida como uma intermediária entre linguagem e emoção, no sentido de que a cognição conceitualiza a emoção, de modo que a primeira se refletiria na linguagem. Já na segunda possibilidade, há a indicação de que a emoção pode ser expressa diretamente na linguagem. Por sua vez, na terceira possibilidade, postula-se que a ligação entre linguagem e emoção se dá com aquela expressando e refletindo a conceitualização desta. Por último, exemplifica-se a quarta possibilidade com o exemplo da emoção surpresa, que a bibliografia aponta que depende do estado mental de crença e se expressa facilmente na linguagem.

Nessa perspectiva, destaca-se o fenômeno das emoções mistas, também chamadas de *blends* emocionais ou combinações emocionais. Segundo Vaccaro *et. al.* (2020), estados mentais como nostalgia, saudades, *bittersweetness* (emoção relacionada ao que chamamos em português brasileiro de sentimento agridoce) têm recebido pouca atenção das pesquisas sobre emoção. Com o intuito de avançar na compreensão desses estados mentais ambivalentes, os autores analisam trabalhos da área que abordam esse tema.

Os pesquisadores adotam a hipótese de que esses estados mentais mistos envolvem dois mecanismos diferentes que remetem aos conceitos de emoção e de sentimento. No artigo, trabalha-se com as definições estabelecidas pelo neurocientista António Damásio, um dos autores, desenvolvidas ao longo de toda a sua obra, expostas no quadro 2.

Quadro 2: Definição de sentimento e emoção, segundo António Damásio.

Emoção	Sentimento
Programas de ação ativados pelo confronto com numerosas situações, algumas delas complexas.	Dizem respeito às experiências subjetivas e mentais das pessoas e, por definição, são conscientes.

Fonte: elaboração própria, adaptado de Damásio (2018).

Em Damásio (2018), trata-se detidamente da questão da diferenciação entre esses conceitos. Porém, ressaltamos que, de acordo com esse pano de fundo teórico, o corpo, o cérebro e o sistema nervoso são fundamentais evolutivamente para a compreensão do que é emoção e sentimento, fenômenos cognitivos complexos. Isto posto, quando discute-se a relação entre linguagem e emoção, entendemos que, provavelmente, a dimensão que está sendo considerada, na verdade, é a do sentimento.

Essa explicação distintiva sobre os sentimentos ilustra o fato de que as experiências mentais não surgem com base em um mapeamento simples de um objeto ou evento em tecido neural. Elas surgem de um mapeamento multidimensional de fenômenos do corpo em si, entrelaçados interativamente a fenômenos neutros. As experiências mentais não são “fotografias instantâneas”, e sim processos no tempo, narrativas de vários microeventos no corpo propriamente dito e no cérebro. (Damásio, 2018, p. 142)

Além disso, salientamos que Vaccaro *et al.* (2020) trabalham com o conceito de valência, tópico recorrente nos estudos sobre emoção. É dito que todos os estados afetivos podem ser classificados em termos de valência positiva ou negativa. Essa avaliação ocorre no nível consciente dos sentimentos. Por isso, a questão de como as emoções mistas são processadas e percebidas diz respeito à dimensão da valência, pois a discussão envolve não só o sentir mais de uma emoção ao mesmo tempo, mas também o questionamento sobre como isso se dá em relação a afetos com valências diferentes.

É explicado que as pesquisas psicológicas apontam que as hipóteses acerca desse fenômeno transitam entre propostas de simultaneidade e vacilação. Os modelos que advogam a favor da visão de simultaneidade se dividem ainda em pesquisadores que trabalham com um modelo cerebral e neuronal que apreende as valências emocionais de modo unidimensional e outra linha de investigação que entende a compreensão da positividade e da negatividade como dimensões separadas. No que tange à vacilação, a explicação é que, nos casos de experiência de emoções mistas de diferentes valências, haveria uma oscilação tão rápida entre positivo e negativo que, a nível consciente de sentimento, isso não seria perceptível.

No entanto, os autores apresentam que investigações da neurociência sobre emoções mistas indicam que os estados de valência positiva e negativa são fisiologicamente separados (Vacarro *et al.*, 2020, p. 3). Assim sendo, eles fazem a defesa de que a simultaneidade e a vacilação são propostas válidas para a apreensão cognitiva e cerebral das emoções mistas, mas que elas ocorrem em níveis fisiológicos diferentes. Nesta visão, aponta-se que os programas de ações das emoções são disparados no nível subcortical do cérebro e os sentimentos estariam vinculados ao nível cortical. Este último, por sua vez, é a dimensão que consegue acomodar representações ambivalentes, ao passo que os substratos neurais para as emoções não parecem ser capazes de realizar isso.

Logo, Vaccaro *et al.* (2020) defendem que ambos os aspectos de simultaneidade e vacilação estão em ação no que se refere à perspectiva neurocognitiva das emoções mistas, sendo a percepção do conflito um elemento fundamental para a experiência desses estados. Além disso, sugere-se que um ponto que também deve ser melhor investigado diz respeito à memória e ao processo de reavaliação cognitivo. Algumas emoções como nostalgia, por exemplo, apresentam claramente uma ligação com a memória que faz com que uma certa valência acerca de algo ou alguma situação seja recuperada e,

posteriormente, haja uma reavaliação do que foi retomado, sendo possível que exista, assim, a atribuição de valência diferente.

Ademais, ao se observar o desenvolvimento cognitivo das crianças, os autores destacam que: dos 4 aos 5 anos, os indivíduos reportam que experienciam apenas um sentimento em uma dada situação e recorte temporal, além de apresentarem dificuldades de perceber afetos ambivalentes em um contexto; dos 7 aos 8 anos, as crianças já relatam sentimentos de valências opostas simultaneamente, sendo possível registrar isso por meio de suas próprias experiências e predições de sentimentos em tarefas específicas; por fim, é dos 10 aos 11 anos que as crianças começam a reportar um senso subjetivo de conflito, de fato, acerca de sentimentos com valências diferentes. Nesse sentido, destacamos as seguintes palavras dos autores.

Esses fatos desenvolvimentais sustentam nossa hipótese de que o afeto ambivalente é um fenômeno complexo que requer múltiplos níveis de processamento, onde diferentes tipos de informação de valências potencialmente diferentes são produzidos e eventualmente integrados [...] Além disso, o fato de sentimentos ambivalentes e univalentes surgirem em diferentes estágios de desenvolvimento é consistente com a ideia de que simultaneidade e vacilação de valências dependeriam de diferentes substratos neurais. (Vaccaro *et al.*, 2020, p. 4)³

Por fim, no que diz respeito à linguagem, os autores apontam que as categorias semânticas das palavras influenciam a representação neural e a experiência dos afetos (Vaccaro *et al.*, 2020, p.7). Fato é que existem ainda poucas pesquisas que exploram as possíveis relações entre o desenvolvimento cognitivo, afetos ambivalentes e linguagem. Por exemplo, é possível questionar:

³ These developmental facts support our hypothesis that ambivalent affect is a complex phenomenon that requires multiple levels of processing, where different types of information of potentially different valence are produced and eventually integrated [...] Moreover, the fact that ambivalent and univalent feelings emerge at different stages of development is consistent with the idea that simultaneity and vacillation of valences would depend on different neural substrates. (Vaccaro *et al.*, 2020, p. 4)

se existe uma equivalência ou um paralelo entre a trajetória de desenvolvimento das habilidades cognitivas das crianças em relação às emoções mistas e ao domínio de habilidades linguísticas; quais são as estratégias linguísticas que os falantes utilizam para codificar e expressar as emoções mistas; quais são os termos linguísticos preferidos pelos falantes, nas diferentes línguas, para rotular certas combinações emocionais.

O estudo citado pelos pesquisadores é Brooks *et al.* (2017) e apresenta contribuições muito pertinentes da área de neurociências para a elucidação da relação entre cognição, linguagem e emoção. O estudo investiga, sobretudo, o efeito da rotulação emocional, com palavras de emoção propriamente – ou seja, aquelas que conceitualizam nas línguas as emoções – na experiência e percepção cerebral e cognitiva dos estados emocionais. De acordo com os pesquisadores, segundo um modelo construcionista psicológico, é possível prever que a linguagem tem um papel constitutivo na dinâmica das emoções. Esse processo no qual a linguagem está envolvida seria o que se chama de conceitualização.

A perspectiva construcionista psicológica prevê que as previsões afetivas iniciais são posteriormente refinadas em experiências e percepções de emoções discretas quando o cérebro se baseia no conhecimento semântico para melhorar as previsões sobre o significado mais específico das sensações afetivas centrais naquele contexto (por exemplo, que sentimentos de desagrado e excitação são uma indicação de que um estímulo é nojento *vs* amedrontador) (Cunningham *et al.*, 2013; Lindquist, 2013; Barrett, 2014). Esse tipo de previsão é referido como 'conceitualização' e é apoiado por regiões que se pensa representar experiências anteriores e conhecimento semântico [...] (Brooks *et al.*, 2017, p. 170)⁴

⁴ The psychological constructionist account predicts that initial affective predictions are subsequently refined into experiences and perceptions of discrete emotions when the brain draws on semantic knowledge to improve predictions about the more specific meaning of core affective sensations in that context (e.g. that feelings of unpleasantness and arousal are an indication that a stimulus is disgusting *vs* fearful) (Cunningham *et al.*, 2013; Lindquist, 2013; Barrett, 2014). This type of prediction is referred to as 'conceptualization' and is supported by regions that are thought to represent prior experiences and semantic knowledge [...] (Brooks *et al.*, 2017, p. 170)

Sendo assim, os autores trabalham com as hipóteses de que as palavras que nomeiam conceitos emocionais, como “raiva” e “tristeza”, um poder preditivo maior do que as palavras que dão nome a estados afetivos, tais como “agradável”, “desagradável”, “positivo” ou “negativo”, que tendem a ser consideradas como afetivamente ambíguas. Tal poder mencionado atuaria no sentido de induzir a recuperação semântica de aspectos específicos de experiências e percepções emocionais.

Segundo a meta-análise realizada, que mapeou estudos com uso de tomografias e ressonância magnética entre os anos de 1993 e 2014, de fato, foi observado que a presença ou ausência de palavras que nomeiam emoções nas tarefas analisadas muda a atividade cerebral relacionada a essa dinâmica de forma consistente. Logo, esses resultados reforçam a visão de que a conceitualização das emoções pela linguagem é parte fundamental do processo emocional.

Outrossim, analisando especificamente as referências citadas por Vaccaro *et al.* (2020), destacamos algumas nas quais iremos nos deter brevemente, pois elas trazem relevantes contribuições teóricas e metodológicas para as pesquisas sobre emoções mistas. Os estudos são: Donaldson e Westerman (1986), Harter e Buddin (1987), Wintre e Vallance (1994), Kestenbau e Gelman (1995), Choe *et al.* (2005), Larsen *et al.* (2007), Zajdel *et al.* (2013), Smith *et al.* (2015). Dessa forma, salientamos que ressaltaremos apenas as principais questões teóricas desses trabalhos, dado que os aspectos metodológicos serão melhor apresentados na próxima seção.

Da década de 80, Donaldson e Westerman (1986) é um dos trabalhos que propõe uma sequência de desenvolvimento para a compreensão de ambivalência em crianças. Além disso, os autores entendem que essa capacidade é alcançada tardiamente na infância, por volta dos 10 anos de idade,

pois envolve a complexa tarefa de integrar sentimentos de valências diferentes. Outro ponto a ser destacada desse trabalho é a visão de que sentimentos são mediados por processos internos, tais como memórias, pensamentos e atitudes, e que isso seria um fator crítico para a compreensão da ambivalência.

O outro estudo desse período é Harter e Buddin (1987) e também propõe uma sequência de desenvolvimento para a compreensão da simultaneidade de duas emoções. Os pesquisadores trabalham com duas dimensões principais nos seus testes – valência, seja ela positiva ou negativa, e alvo, aspecto que foi controlado tendo em vista se as emoções eram direcionadas para um mesmo alvo ou para elementos diferentes. Uma das questões que destacamos desse estudo diz respeito aos termos utilizados para rotular as emoções conforme a idade das crianças. É relatado que são usados termos básicos de emoções, como feliz, triste, raiva, por exemplo, pelas crianças mais novas e, conforme a idade avança, os indivíduos mais velhos usam termos diferentes, indicando uma compreensão mais apurada conceitualmente das situações emocionais. Essa questão é indicada pelos autores para ser melhor investigada pelas futuras pesquisas.

Wintre e Vallance (1994) é um estudo da década de 90 e segue as pesquisas anteriores ao também trabalhar com o paradigma de sequência de desenvolvimento para o entendimento das emoções mistas. Porém, eles analisam o fator intensidade como uma das dimensões envolvidas na compreensão de emoções, de modo a investigar se esse elemento apresenta um desenvolvimento sistemático e sequencial semelhante ao observado pelas outras pesquisas. Esse trabalho obteve como resultado que a intensidade é um fator que aparece atrelado à compreensão de emoções com diferentes valências em uma sequência de desenvolvimento.

Ainda nessa década, Kestenbau e Gelman (1995) agregam à área ao trabalharem com crianças pequenas – 4 e 5 anos – e investigarem suas

habilidades de compreensão de emoções mistas em relação à observação de faces e expressões também mistas. Como resultado, destacamos que os autores observam que crianças pequenas, com a metodologia proposta, conseguem identificar a expressão de emoções mistas, e que parece haver, de fato, uma mudança em termos de desenvolvimento nas habilidades entre os 4 e os 5 anos de idade.

Já na primeira década dos anos 2000, Choe *et al.* (2005) explora o que eles chamam de “conflito de Ulisses”, personagem famoso da mitologia clássica, que envolve uma situação na qual ele tem que lidar com estados mentais – desejos – que divergem. Os experimentos realizados tiveram como participantes crianças e adultos. Dos resultados obtidos, destaca-se que a capacidade de compreender o conflito entre desejos ocorreu, em alguma medida, apenas para crianças mais velhas, de 7 anos, e foi completamente observada nos adultos. Os autores apontam que a compreensão de desejos, enquanto um estado mental para a Teoria da Mente, apesar de acontecer cedo, por volta dos 3 anos, parece ser diferente da habilidade de entender quando mais de um desejo está em questão e em um contexto conflitante.

Larsen *et al.* (2007), por sua vez, investigam a habilidade de experienciar emoções mistas das crianças, ao invés de focar apenas na compreensão delas. O experimento foi feito com crianças após elas assistirem cenas do conhecido filme *A Pequena Sereia*. Assim, os resultados obtidos corroboraram aqueles das pesquisas anteriores, endossando que crianças mais velhas, entre os 11 e 12 anos, possuem uma melhor compreensão conceitual das emoções mistas do que as mais novas, de 5 e 6 anos, além de experienciarem, de fato, essas emoções ao lidarem com situações emocionalmente complexas.

Na sequência dessa proposta, Zajdel *et al.* (2013) avançaram na investigação sobre experienciar emoções mistas na infância. Eles observaram que: com efeito, a habilidade de compreender e experienciar essas emoções são

diferentes; conforme outros trabalhos, foi notado que há uma progressão no desenvolvimento dessas habilidades conforme a idade; a habilidade de entender emoções mistas parece, de fato, ser anterior à de conseguir experienciar essas combinações. Ademais, uma contribuição nova desse estudo foi a investigação do recorte de gênero, que apontou que meninas tiveram um desempenho melhor do que os meninos ao relatarem suas experiências com emoções mistas. Junto a esse aspecto, uma explicação sugerida para esse resultado foi a habilidade delas em relação à empatia, outro elemento investigado nos experimentos. Em síntese, os resultados obtidos indicam que conforme aumenta a capacidade de empatia dos indivíduos, também parece aumentar a habilidade de experienciar combinações emocionais.

O último trabalho da nossa seleção, Smith *et al.* (2015) também se propõem investigar o desenvolvimento da capacidade de compreender e experienciar emoções mistas, com uma população de crianças mais novas do que a que estava sendo testada sobre essa questão – a de 3 anos de idade. Os pesquisadores ressaltam como essa habilidade pode estar atrelada à linguagem, pois reportar os estados mentais requer também que se domine, em alguma medida, os rótulos e o vocabulário emocional da língua do falante. Destarte, como resultado, eles obtiveram que enquanto apenas 12% das crianças reportaram experienciar emoções mistas nas situações testadas, 49% conseguiram compreendê-las.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, realizamos um levantamento bibliográfico, com base em Vaccaro *et al.* (2020), acerca das pesquisas sobre emoções mistas nos últimos 30 anos – década 80 até 2015. A proposta é que esse levantamento tenha um caráter preliminar e exploratório, de modo a ser expandido e aprofundado em futuros trabalhos. O artigo citado foi selecionado como referência teórica

para o presente trabalho dada a sua relevância para a área – tendo em vista as contribuições do conjunto da obra de António Damásio para as pesquisas sobre cognição e emoção, assim como as de seus colegas – e a sua atualidade em termos bibliográficos acerca do tema. Outro ponto relevante sobre a seleção desse trabalho como referencial teórico é que nele há indicação de estudos que i) trabalham com o tópico das emoções mistas com uma abordagem experimental e que ii) tratam, com alguma ênfase, da relação desses estados mentais com a linguagem.

Assim, tendo em vista Vaccaro *et al.* (2020), analisamos as suas referências e selecionamos dois trabalhos experimentais de cada década, a partir dos anos 80, até a publicação do texto principal (2020): Donaldson e Westerman (1986) e Harter e Buddin (1987) da década de 80; Wintre e Vallance (1994) e Kestenbau e Gelman (1995) da década de 90; Choe *et al.* (2005) e Larsen *et al.* (2007) da década de 2000; e, por fim, Zajdel *et al.* (2013) e Smith *et al.* (2015) da década de 2010.

Destarte, procuramos identificar as principais questões de interesse de investigação desses oito trabalhos, as metodologias utilizadas nas suas pesquisas experimentais e os aspectos relacionados à linguagem. Em geral, observamos os seguintes pontos:

I) há uma diversidade metodológica, isto é, de estímulos e de tarefas utilizados para a investigação de emoções mistas, tais como áudio, fotografias de faces, textos com histórias curtas e vídeos que mostram tanto atores quanto animações;

II) o intervalo etário pesquisado é dos 4 aos 12 anos de idade;

III) a combinação emocional mais investigada é “feliz e triste”;

IV) as palavras “feliz” e “triste” são mais utilizadas nas pesquisas do que algum termo que se refira à combinação emocional diretamente, tal como *bittersweet*;

V) as histórias apresentadas às crianças envolviam tanto seres humanos quanto animais e desenhos animados;

VI) foram pesquisadas emoções positivas e negativas, além de combinações de emoções com a mesma valência ou de valências diferentes;

VII) há uma diferença nos resultados no que concerne a compreender emoções mistas e experienciar essas combinações de estados mentais.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, a tabela 1 sintetiza as características gerais dos experimentos mapeados nos artigos analisados. A seguir, passamos à análise mais detalhada dos pontos destacados previamente acerca dos trabalhos analisados.

Tabela 1: Características gerais dos experimentos realizados sobre emoções mistas.

Artigo	Amostra (quantidade/faixa etária)	Estímulo: texto (história), áudio, visual estático (face, cena) ou dinâmico (filme)
Donaldson e Westerman (1986)	20 (4 a 5 anos); 20 (7 a 8 anos); 20 (10 a 11 anos)	Áudio
Harter e Buddin (1987)	14 (4 anos); 14 (5 anos); 14 (6 anos); 14 (7 anos); 14 (8 anos); 14 (9 anos); 14 (10 anos); 14 (11 anos); 14 (12 anos) *masculino = feminino	Fotografias de faces (não protípicas)
Wintre e Vallance (1994)	16 (4 anos); 16 (5 anos); 16 (6 anos); 16 (7 anos); 16 (8 anos) *masculino = feminino	Texto (história curta)
Kestenbau e Gelman (1995)	Exp1: 24 (4 anos) e 20 (5 anos) Exp2: 36 (4 anos) e 36 (5 anos)	Exp1 - Faces ("mistas"): parte superior de uma emoção e inferior de outra emoção - Desenho de um alien com duas cabeças, cada uma com uma emoção Exp2 - Texto: todas as histórias incluíam dois eventos separados que ocorriam simultaneamente e levariam tanto a emoções mistas (por exemplo, tristeza e alegria) quanto à mesma emoção (por exemplo, dois

		eventos que elicitariam felicidade)
Choe <i>et al.</i> (2005)	Exp1: 18 (4 anos); 21 (5 anos); 25 (6 anos); 29 (7 anos); 50 adultos Exp2: 12 (4 anos); 28 (5 anos); 25 (6 anos); 26 (7 anos); 25 adultos	Exp1: Vídeo (atores) Exp2: Fotografia de objetos (balão do pensamento)
Larsen <i>et al.</i> (2007)	34 (5 a 6 anos); 36 (8 a 9 anos); 35 (11 a 12 anos) *masculino = feminino	Vídeo (animação)
Zajdel <i>et al.</i> (2013)	53 (5 a 7 anos); 36 (8 a 9 anos); 39 (10 a 12 anos) *masculino=feminino	Vídeo (animação)
Smith <i>et al.</i> (2015)	57 (36 a 66 meses; M=50,88, DP=8,19) *masculino = feminino	Vídeo (animação)

Fonte: elaboração própria, com base em Vaccaro *et al.* (2020).

Em relação ao ponto I, sobre a diversidade metodológica dos experimentos, observa-se que há a utilização de vídeos como estímulo para a contação de histórias em quatro dos oito trabalhos analisados. Isso parece indicar uma preferência por esse tipo de material para, de fato, estimular satisfatoriamente o engajamento dos participantes nos testes. Ressaltamos que essa metodologia pode realmente ser melhor sucedida experimentalmente, tendo em vista o observado em Bernardino e Figueiredo (2023). Esses autores tiveram como objetivo principal analisar como a indução emocional produzida por meio de palavras afeta uma tarefa cognitiva de estimativa temporal, isto é, a proposta foi investigar se palavras com conteúdo emocional podem afetar como é experimentada a duração de eventos. Os pesquisadores obtiveram que apenas o uso de palavras em um experimento on-line para avaliar emoções não parece gerar engajamento constante e focado dos participantes, a depender da tarefa em questão. Sendo assim, a utilização de vídeos para a realização de testes pode proporcionar efetivamente um contexto experimental mais completo para captar a atenção e favorecer a compreensão de conteúdos emocionais complexos de quem participa dele.

Acerca do ponto II, sobre o intervalo etário mais pesquisado em relação ao tema, salientamos o fato de que as emoções mistas são estados mentais investigados em crianças mais velhas de um modo geral. Isso parecer ocorrer devido às suas próprias características cognitivas e de desenvolvimento, de acordo com a bibliografia da área. Em Roazzi *et al.* (2011), é feito um interessante estudo com o objetivo de analisar a organização estrutural do conceito de emoção com crianças brasileiras. O trabalho teve como uma de suas questões teóricas centrais compreender o que é a emoção para esses indivíduos, ou seja, entender melhor a sua conceitualização ao longo do desenvolvimento ontogenético das crianças. Além das emoções simples, dados sobre as emoções mistas também aparecem nessa investigação. As emoções mistas são compreendidas mais tardiamente pelas crianças do que as emoções simples ou complexas, porém, não há precisão de quando isso ocorreria. Nessa perspectiva, ao tratar especificamente dos diferentes aspectos do desenvolvimento da compreensão emocional, Franco e Santos (2015) também apresentam dados sobre as emoções mistas que apontam uma divergência acerca da compreensão desses estados mentais. Para alguns autores, essas emoções seriam compreendidas aos 6 anos, ao passo que para outros, isso ocorreria por volta dos 8 aos 9 anos, em crianças de populações ocidentais. Assim, os autores apontam que, por vezes, é indicado que a aquisição da compreensão das emoções mistas se dá entre os 4 e os 12 anos de idade, na chamada fase reflexiva (dos 8 aos 12 anos), seguindo um desenvolvimento de cinco níveis, conforme exposto a seguir:

1. Primeiro nível: crianças menores de 5 anos não conseguem sequer reconhecer a sensação de duas emoções ao mesmo tempo, mesmo que tenham a mesma valência;
2. Segundo nível: crianças de 7 anos podem considerar que duas emoções podem estar presentes ao mesmo tempo, mas apenas se ambas forem positivas ou negativas e dirigidas ao mesmo alvo;

3. Terceiro nível: crianças de 8 anos começam a compreender que podem sentir dois sentimentos do mesmo tipo dirigidos a alvos diferentes;
4. Quarto nível: crianças de 10 anos demonstram compreender a possibilidade de ter dois sentimentos opostos ao mesmo tempo, mas apenas se eles forem dirigidos para dois alvos diferentes;
5. Quinto nível: crianças de 11 e 12 anos são capazes de compreender e descrever sentimentos opostos face a um mesmo alvo.

Assim, o que se observa é que há um entendimento comum na Psicologia do Desenvolvimento de que as emoções mistas são estados emocionais compreendidos mais tardiamente, em geral, sendo uma habilidade dominada depois da primeira infância. Isso se deve ao fato de que “a compreensão das emoções mistas é difícil para as crianças pequenas porque elas devem ser capazes de entender como um evento pode ser avaliado de duas formas diferentes” (Franco; Santos, 2015, p. 345).

Ademais, em relação aos itens III e IV, pontuamos que os indivíduos testados nos estudos parecem adotar diferentes estratégias linguísticas para codificar e expressar as emoções mistas para além do processo de *blending*, tais como coordenação, subordinação e predicação, isto é, eles usam mais recursos sintáticos e semânticos do que morfofonológicos.

Conforme Nóbrega e Minussi (2015), entendemos o *blending* como “um processo de formação de palavras que ocorre através da fusão estrutural de duas palavras-fontes”. Exemplos desse processo são apresentados na tabela 2.

Tabela 2: Classificação de *blends* linguísticos e exemplos.

Classificação	Exemplo
<i>Blends</i> fonológicos	Matel < mato + motel
<i>Blends</i> morfológicos	Portunhol < português + espanhol
<i>Blends</i> semânticos	Bebemorar < beber + comemorar

Fonte: elaboração própria, com base em Nóbrega e Minussi (2015).

Desse modo, parece ser o caso de que os *blends* emocionais não se traduzem preferencialmente em *blends* linguísticos. Ao invés disso, os falantes usam estratégias linguísticas como “feliz e triste”, “feliz e triste ao mesmo tempo” e “feliz e triste simultaneamente” para expressar esses estados emocionais. Uma análise mais profunda desse fenômeno deve ser feita com mais línguas, incluindo o português brasileiro, e com mais trabalhos com diferentes desenhos experimentais.

Outrossim, sobre o ponto V, que aponta que os experimentos analisados utilizaram tanto seres humanos quanto animais e desenhos animados, entendemos que a presença da animacidade é uma característica constante dos estímulos de pesquisas experimentais, sobretudo as que têm crianças como participantes. Já em relação ao ponto VI, que evidencia que são pesquisadas emoções positivas e negativas, além de estados emocionais com valências iguais e diferentes, salientamos que é necessário cada vez mais investigar as interações entre emoções com esses traços distintos. Deve-se questionar se o processamento e a compreensão de contextos com emoções mistas com essas diferentes características é o mesmo e, caso não seja, como avaliar e explicar o que ocorre quando emoções como alegria e tristeza estão interagindo na cognição. Da mesma forma, é preciso avançar nessa agenda de pesquisa para que se possa compreender também como se dá a combinação de emoções com intensidades muito altas, por exemplo, se é possível sentir uma emoção positiva

muito intensa e uma negativa muito intensa ao mesmo tempo, e quais seriam os efeitos cognitivos e fisiológicos disso, além de ser relevante questionar quais seriam os desdobramentos dessa interação na codificação desse estado emocional na linguagem.

Por fim, no que diz respeito ao ponto VII, experienciar e compreender combinações emocionais, é importante que as pesquisas realmente investiguem a diferença entre essas duas habilidades. Conforme exposto previamente, os teóricos do tema têm observado que há um desenvolvimento cognitivo relacionado à capacidade de compreender completamente emoções mistas, o que pode incluir processos que envolvem diferentes estágios. Desse modo, sentir esses estados emocionais parece ser algo que ocorre no corpo e na experiência humanas de forma espontânea, porém, os estudos indicam que reconhecer e compreendê-los são processos que demandam maturação e habilidades específicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte analítico que realizamos sobre os trabalhos com emoções mistas nos permitiu observar que as investigações acerca desse tema têm aumentado e se diversificado nas últimas décadas. Entretanto, ainda não se trabalha tão sistematicamente com questões de interface entre emoções mistas e linguagem, apesar de ser apontada a necessidade de se pesquisar os pontos de contato entre esses domínios.

Em resumo, os artigos citados por Vaccaro *et al.* (2020) indicam que há um desenvolvimento progressivo da habilidade de compreender emoções mistas. Além disso, identifica-se que são ocorrências distintas entender essas emoções e experienciá-las. Observou-se também que crianças mais velhas relatam experienciar emoções mistas mais do que crianças mais novas. Ademais, notou-se que as crianças mais novas apresentaram uma tendência a

selecionar emoções positivas em detrimento das negativas, algo que precisa ser melhor explorado. Por fim, reportou-se que mesmo crianças de 3 anos de idade conseguem reconhecer a experiência emocional mista de outros indivíduos.

No que tange às questões propriamente linguísticas, aponta-se a necessidade de se continuar investigando o uso da linguagem para a rotulação e para a compreensão das emoções mistas, e as estratégias linguísticas utilizadas pelos falantes para conceitualizarem e expressarem esses estados mentais.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Leonardo G.; FIGUEIREDO, Thuany T. Percepção subjetiva de tempo de palavras com conteúdo emocional. *Letrônica*, 16, n. 1, p. e44333-e44333, 2023.

BROOKS, Jeffrey A.; SHABLACK, Holly; GENDRON, Maria; SAPTUTE, Ajay B.; PARRISH, Michael H.; LINDQUIST, Kristen A. The role of language in the experience and perception of emotion: a neuroimaging meta-analysis. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 12, n. 2, p. 169-183, 2017.

CHOE, Katherine S.; KEIL, Frank C.; BLOOM, Paul. Children's understanding of the Ulysses conflict. *Developmental Science*, 8, n. 5, p. 387-392, 2005.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

DE WAAL, Frans. **O último abraço da matriarca**: As emoções dos animais e o que elas revelam sobre nós. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

DONALDSON, Sally K.; WESTERMAN, Michael A. Development of children's understanding of ambivalence and causal theories of emotions. *Developmental psychology*, 22, n. 5, p. 655, 1986.

FIGUEIREDO, Thuany Teixeira de. **Linguagem e Teoria da Mente de segunda ordem: investigando os estados mentais de ignorância e crença falsa**. 2018. 184f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

FOOLEN, Ad. A relevância da emoção para a linguagem e para a Linguística. In: CAVALCANTE, S. M. S.; MILITÃO, J. A. (orgs.). **Emoções**: desafios para estudos da linguagem e cognição. Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. p. 13-39.

FRANCO, Maria da Glória S. D. E. C.; SANTOS, Natalie N. Desenvolvimento da compreensão emocional. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, 31, p. 339-348, 2015.

HARTER, Susan; BUDDIN, Bonnie J. Children's understanding of the simultaneity of two emotions: A five-stage developmental acquisition sequence. **Developmental psychology**, 23, n. 3, p. 388, 1987.

KAGAN, Jerome. **What is emotion?:** History, measures, and meanings. Yale: Yale University Press, 2007.

KESTENBAUM, Roberta; GELMAN, Susan A. Preschool children's identification and understanding of mixed emotions. **Cognitive Development**, 10, n. 3, p. 443-458, 1995.

LARSEN, Jeff T.; MCGRAW, A. Peter; CACIOPPO, John T. Can people feel happy and sad at the same time?. **Journal of personality and social psychology**, 81, n. 4, p. 684-696, 2001.

LARSEN, Jeff T.; TO, Yen M.; FIREMAN, Gary. Children's understanding and experience of mixed emotions. **Psychological Science**, 18, n. 2, p. 186-191, 2007.

NÓBREGA, Vitor Augusto; MINUSSI, Rafael Dias. O tratamento da morfologia não-concatenativa pela morfologia distribuída: o caso dos *blends* fonológicos. **Revista Letras**, n. 91, p. 158-177, 2015.

ROAZZI, Antonio; DIAS, Maria da Graça B. B.; SILVA, Janaína O. D.; SANTOS, Luciana B. D.; ROAZZI, Maíra M. O que é emoção? Em busca da organização estrutural do conceito de emoção em crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 24, p. 51-61, 2011.

SMITH, Joshua P.; GLASS, Daniel J.; FIREMAN, Gary. The understanding and experience of mixed emotions in 3–5-year-old children. **The Journal of genetic psychology**, 176, n. 2, p. 65-81, 2015.

VACCARO, Anthony. G.; KAPLAN, Jonas T.; DAMASIO, António. Bittersweet: the neuroscience of ambivalent affect. **Perspectives on Psychological Science**, 15, n. 5, p. 1.187-1.199, 2020.

WINTRE, Maxine Gallander; VALLANCE, Denise D. A developmental sequence in the comprehension of emotions: Intensity, multiple emotions, and valence. **Developmental psychology**, 30, n. 4, p. 509, 1994.

ZAJDEL, Ruth T.; BLOOM, Jill Myerow; FIREMAN, Gary; LARSEN, Jeff T. Children's understanding and experience of mixed emotions: The roles of age, gender, and empathy. **The Journal of genetic psychology**, 174, n. 5, p. 582-603, 2013.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 23 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 17 de junho de 2024.